

Num sábado, o último desabafo

Santoro queria contribuir para fazer da Capital brasileira uma referência na vida artística nacional

Num sábado dos dias que antecederam ao de sua morte, Cláudio Santoro telefona a um jornalista seu amigo, pedindo que lhe fosse ao apartamento, se pudesse; queria conversar. E, ao contrário das vezes anteriores, não havia efusão, calor humano, naquele telefonema.

A visita dera-se pela tarde. Logo Santoro vai buscar gelo e uísque, ele e o visitante sentados num sofá na sala. E aponta, sobre um móvel, um pacote recém-chegado de Paris. Era o libreto, feito por libretista especializado, da Ópera de Paris, de *O Pagador de Promessas*, peça de Dias

Gomes que em 1962 já motivara o famoso filme dirigido por Anselmo Duarte, e detentor da Palma de Ouro de Cannes. O libretista francês telefonara (ou escrevera) a Dias Gomes perguntando quem o dramaturgo brasileiro recomendaria para o trabalho de compositor. O que determina sucesso ou fracasso numa peça cantada e orquestrada (em qualquer composição) é a música. Portanto, agora seria a vez de Santoro: a partir dos próximos dias iria pôr engenho e arte de músico no libreto e transformá-lo em ópera. Sua segunda ópera. "Já tenho parte dessa ópera na cabeça", disse então. E sem que experimentasse o prazer de ver estreada sua primeira ópera: *Alma*, do nome da heroína, personagem da literatura (*Os Condenados*) de Oswald de Andrade.

Uns três ou quatro anos antes, o

então diretor do Teatro Municipal (do Rio), Fernando Bicudo, encomendara a Santoro uma ópera. Pois ópera nova, em nível mesmo de mundo, não acontece com frequência; e, no Brasil, nem se fala. No caso desta, libreto e música, era tudo Santoro. E trabalhou feliz no projeto. Conversava com amigos sobre o andamento de seu trabalho que o fazia enveredar, com empolgação de um adolescente, por outros gêneros da música universal. Além do grande número de sinfonias, de peças camerísticas e sacras, e para dança (com o casamento com Gisele, em 1960, ela, primeira-bailarina do Teatro Municipal, Cláudio Santoro passou a se interessar por balé, e tornou-se o brasileiro que mais contribuiu com composições para dança). E o de maior número de sinfonias. Santoro contribuiu também para o cinema, com músicas especialmente compostas, e para teatro. Agora, na maturidade, estava a compor óperas. Mas tão logo o maestro

Claudio Santoro era um obstinado divulgador da música brasileira. Não apenas em seus concertos regidos no Brasil. Mas pelo mundo. Os outros, quando convidados, apresentavam suas próprias composições. O que é natural. Santoro regia as suas e as dos seus patrícios

Colégio Salesiano, e em música, como violinista, e de onde saíra premiado, pelo governo do Amazonas, com bolsa de estudo, a fim de aprimorar-se no Rio de Janeiro. Outro: há poucos anos o governador Amazonino Mendes contratara o maestro Júlio Medaglia para organizar uma orquestra no Amazonas. Surgiu a orquestra dos sonhos de Santoro: das melhores do país. Havia clima. E foi montada *Alma* - trabalho do produtor alemão Sr. Jeldan, mas trazendo tudo pronto de fora, com louváveis

resultados. E não fora levada apenas *Alma*, pois tratava-se de temporada, com várias óperas. Fecho de temporada: *Alma* em cena por três noites.

Injustiça, a falta de cobertura jornalística fora de Manaus. Brigaram com a notícia. Ora, conforme já dito, tratava-se de primeira apresentação mundial de uma ópera, e ópera brasileira, e de Cláudio Santoro, e que a compôs em Brasília: diz a Brasília. O autor optou viver em Brasília desde a primeira hora, está sepultado em Brasília. A grande lição de jornalismo cultural deveria partir de Brasília. Do jornalismo do Rio e de

São Paulo nem esperar, porque lá os colegas não entendem de Brasil.

Nova capital - Na primeira em vez que conversamos com Santoro, ainda no Rio, discutia-se muito a transferência da Capital, que se aproximava. Então, nessa conversa, declarou-se ele pela mudança, e disse de seus projetos: ir para Brasília, organizar uma escola de música fora dos padrões de conservatório, e uma orquestra. Contribuir para fazer da nova Capital brasileira uma referência em questão de vida artística.

Já na última vez em que nos vimos, na tarde de sábado que julgamos ter sido o dia 11 de março de

Foto: Reprodução



Santoro rege orquestra de Moscou

1989, ele queria desabafar. Gisele estava no Rio e, naquela hora, telefonava; outro telefonema, ele atende, após o que diz-nos: "É o Barbato" (Sílvio Barbato, assistente de Santoro). "Aposto nele; vai ser dos melhores regentes de orquestra deste país".

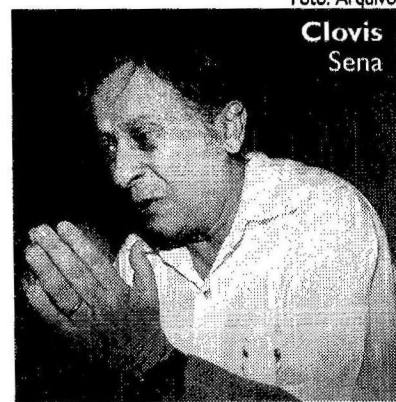
No professor Nei Salgado (eminente pianista), no assistente Delamar Alvarenga e no jovem Barbato, Santoro dispunha de retaguarda na qual confiava.

E continuava ele a contar a paranoia de que era vítima, numa trama desencadeada nas dependências do Teatro Nacional, dependências estas transformadas em Fundação Cultural. Cortaram-lhe telefone, cafezinho, água; o papel para expediente, quota de xerox; entrevistaram, anulando concurso que o maestro realizava para preencher vagas na Orquestra. E ainda, para intimidar (ou dissuadir) as pessoas, instauraram um inquérito administrativo: os convidados por Santoro para examinar os músicos (maestro Júlio Medaglia, flautista Odete Ernest Dias) eram desrespeitosamente chamados a responder por que estavam ali, o que eram, afinal entendiam de quê? Agora, Santoro, autor de uma obra importante e vasta, criador da Orquestra e seu regente titular teria de passar a assinar ponto. Na manhã em que subitamente morreu, um funcionário que trabalhava no lado externo do Teatro, ao saber do ocorrido, disse isso: "Coitado do maestro. Eu recebi ordens de levantar a corrente toda vez que avistasse o carro dele, para ele ter de saltar mais longe e ficar zangado".

Meses antes, sugerimo-lhe: Deixa a Orquestra. Respondeu: "Às vezes penso nisso; mas é o que eles querem, e essa gente passa; a Orquestra é o meu instrumento de trabalho".

Naquele começo de 1989, pela terceira vez, Santoro era hóspede da Casa de Brahms, em Baden-Baden, Alemanha. Aproveitara a estada ali, com conforto e infra-estrutura, à disposição, piano de cauda, para compor sua 14ª Sinfonia e revisar a 12ª, que desta vez se transformara numa sinfonia concertante para oito solistas.

Ainda demorara-se, a fim de esperar por Gisele, esta no desempenho da missão de julgadora de Concurso Internacional de Balé, na Normandia, França. Chegaram ao Ga-



Clovis Sena

leão, Rio, onde Gisele decide demorar-se uns três dias, enquanto Santoro prossegue viagem para Brasília. E vinha cheio de idéias. Entre elas, a 15ª Sinfonia. "Já toda na cabeça", dissera. Assim como, ao receber o pacote com o libreto de *O Pagador de Promessas*, as idéias musicais começaram a se lhe "definir na cabeça". 1989, ano de seu septuagésimo aniversário. Haveria concertos comemorativos em São Paulo, Rio, Paris, Milão e Roma; em cidades alemãs. Menos Brasília. Em São Paulo o maestro Eleazar de Carvalho programara o *Réquiem* da autoria de Santoro. No Teatro Municipal do Rio o maestro Ricardo Prado regeu a 14ª Sinfonia, no dia mesmo do aniversário de Santoro, mas este já morto. E ainda como parte das festividades, a convite do então presidente da Funarte, maestro Edino Krieger, o musicólogo Vasco Mariz estava ultimando o livro *Cláudio Santoro*, editado pela Civilização Brasileira. Bem, procedente da Alemanha (Baben-Baden: Casa de Brahms), chega Santoro.

Na Fundação Cultural cortaram-lhe o ponto.

Isto fora a gota d'água.

Comportavam-se, os chapas-brancas, medíocres e invejosos, assim, desrespeitosos e miseravelmente, contra o mais importante músico brasileiro da segunda metade do século. Conforme Vasco Mariz (o.c.), "Cláudio, hoje, pode ser considerado o digno sucessor de Villa-Lobos".

E não é só. Cláudio Santoro era um obstinado divulgador da música brasileira. Não apenas em seus concertos regidos no Brasil. Mas pelo mundo. Os outros, quando convidados, apresentavam suas próprias composições. O que é natural. Santoro regia as suas e as dos seus patrícios. Nos anos de exílio na Alemanha, então, lá se vai Santoro a reger concertos pela Europa e a pagar, de seu bolso, o transporte dos pacotes de partituras (para cordas, metais, etc.) das composições de outros brasileiros.

CLOVIS SENA

Especial para o JORNAL DE BRASÍLIA

■ Clovis Sena é jornalista